

A Arte em Papéis Virtuais: Análise dos Desenhos de Crianças (5-12 Anos) sobre a Pandemia de COVID-19 da Campanha “Sentimentos no Papel” (2020) da Unicef Brasil

Art on Virtual Papers: Analysis of Children`s Drawings (5-12 Years Old) about the COVID-19 Pandemic from the “Feelings on Paper” Campaign (2020) by Unicef Brazil

Thiago de Souza GONZALEZ^{1*}

Maria da Conceição de Almeida BARBOSA-LIMA²

Paulo Roberto VASCONCELLOS-SILVA³

¹ Fundação Oswaldo Cruz - Av. Brasil 4365 - Rio de Janeiro - RJ - BRASIL.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro -Av. Brasil 4365- Rio de Janeiro - RJ - BRASIL.

³ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- Av. Brasil 4365, Pavilhão Cardoso Fontes- Rio de Janeiro - RJ - BRASIL.

*thiogonz@hotmail.com

Resumo. Desde março de 2020 e durante o ano de 2021, vivíamos tempos pandêmicos que provocaram grandes mudanças sociais no Brasil e no mundo. Nesse momento, foi preciso dar atenção às crianças, que têm maiores dificuldades de expressar seus temores e mudanças em suas vidas. Por meio da arte, expressaram sentimentos relacionados a este período. Assim, buscamos relacionar a arte com a vivência das crianças, analisando expressões culturais que estimularam o emocional e o cognitivo na sociedade a partir da escuta da expressão infantil e através de uma de suas atividades favoritas, o desenho, para compreender este período. Dessa forma, analisamos os desenhos e os apontamentos nos discursos presentes nas quinze obras artísticas da campanha “Sentimentos no Papel” da Unicef Brasil (2020), que visou estimular

crianças a expressarem seus sentimentos durante a pandemia de COVID-19, com objetivo de identificar representações de conceitos científicos, aspectos emocionais, criativos e de linguagem que expressassem a realidade nas obras da campanha. Observamos o impacto da pandemia no cotidiano de crianças entre quatro e doze anos em suas emoções, expressando a ausência de prazeres, atividades e entretenimento. Além disso, destaca-se a utilização das tecnologias no processo de socialização durante o período de isolamento social. Por fim, esperamos que este artigo auxilie no ensino de ciências e estimule a formulação de políticas públicas que acolham o público infantil nos programas de educação e saúde, em conformidade com as suas necessidades, conhecimentos, medos e desejos, contribuindo para a retomada da realidade.

Palavras-chave: Ciência e Arte. COVID-19. Crianças. Análise de desenhos. Ensino de ciências.

Abstract. Since March 2020 and throughout 2021, we were experiencing pandemic times that caused major social changes in Brazil and the world. At this moment, it was necessary to pay attention to children, who have greater difficulties in expressing their fears and changes in their lives. Through art, expressed feelings related to this period. Thus, we see to relate art with children's experiences, analyzing cultural expressions that stimulated the emotional and cognitive in society by listening to children's expression and through one of their favorite activities, drawing, to understand this period. In this way, we analyzed the drawings and notes in the speeches present in the fifteen artistic works of the "Felling on Papers" campaign by Unicef Brazil (2020), which aimed to encourage children to express their feelings during the COVID-19 pandemic, with the aim of to identify representations of scientific concepts, emotional, creative and language aspects that expressed reality in the campaign's works. We observed the impact of the pandemic on the daily lives of children between four and twelve years old and their emotions, expressing the lack of pleasures, activities and entertainment. In addition, the use of technologies in the socialization process in times of social isolation. Finally, we hope that this article will help in teaching science and encourage the formulation of public policies that welcome children into education and health programs, in accordance with their needs, knowledge, fears and desires, contributing to the resumption of reality.

Keywords: Science and Art. COVID-19. Children. Drawing analysis. Science teaching.

Recebido: 13/01/2024 Aceito: 07/05/2025 Publicado: 26/05/2025

Editores Responsáveis: Daniel Salvador/ Carmelita Portela

1. Considerações iniciais

Muitas transformações aconteceram no mundo a partir de dezembro de 2019 e janeiro de 2020, quando começaram os primeiros casos de uma nova e grave doença viral respiratória, a Sars-CoV2. Com uma gigantesca capacidade de contágio, saiu de Wuhan, na China, e atingiu vários países, tendo o seu nome popular de COVID-19 disseminado mundialmente. Com isso, em

11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou situação de pandemia. Logo depois, o Ministério da Saúde do Brasil iniciou as medidas de quarentena e isolamento social da população brasileira. O primeiro caso da doença no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020, com a primeira morte em 17 de março, data em que o país já possuía mais de 300 casos, número que cresceu exponencialmente com o passar dos dias, semanas e meses. Dessa forma, o Brasil lidou com a realidade pandêmica, acompanhada de uma enxurrada de novas informações que tentavam reduzir os casos de óbito, infecções, internações e a pressão sobre o sistema de saúde público brasileiro (Folino *et al.*, 2021; Galhardi *et al.*, 2020).

Embora as crianças tenham sido consideradas o grupo menos afetado pelos sintomas da doença e suas formas graves, elas não estavam imunes ao momento pandêmico vivenciado. Seu convívio social e cotidiano foi severamente afetado pela interrupção da vida escolar presencial, bem como pelos reflexos sociais e econômicos. Inseridos nesse universo, as crianças se apresentam como um grupo delicado, “com ameaças sérias à sua saúde, tanto do ponto de vista físico quanto do ponto de vista emocional”. Existem diversos estudos sobre a percepção de doenças infecciosas emergentes, com destaque para a produção atual para a COVID-19. No entanto, grande parte desses estudos foca em adultos, não abarcando a população infantil da população (Folino *et al.*, 2021, p.2).

Sendo sujeitos com capacidade de percepção da vivência que influencia sobre suas vidas, as crianças apresentam suas maneiras de representar e expressar as suas opiniões e sentimentos, como visto na primeira infância com o uso do desenho como ferramenta de produção e expressão de saberes. Dar voz às crianças parte de uma perspectiva centrada nos jovens e na compreensão dos elementos simbólicos que regem sua relação com o mundo, bem como estas pesquisas em momentos pandêmicos, fortalecem a elaboração de estratégias para a promoção da saúde e para o ensino de ciências, além de dialogar com seus sentimentos e formas de expressão (Alvaro *et al.*, 2021; Folino *et al.*, 2021; Vigotski, 2018).

Dessa forma, procuramos identificar, por meio dos desenhos de crianças durante a pandemia de COVID-19, como elas se sentiram nesse período de isolamento social e como abordaram conhecimentos científicos em suas obras, aliando a análise dos desenhos (Vigotski, 2018; 2001) com aspectos do discurso seguindo a abordagem de Mikhail Bakhtin (1997). Assim, este artigo tem como objetivo analisar as dimensões gráficas e discursivas de produções artísticas de crianças de quatro a doze anos que participaram da campanha “Sentimentos no Papel” (2020) da Unicef Brasil, buscando identificar os conhecimentos científicos e os elementos emocionais apresentados pela pandemia de COVID-19 e responder à pergunta da campanha “como as crianças estão se sentindo durante a pandemia de corona vírus?”.

2. Referenciais teóricos e metodologia

Toda criação é uma narrativa sobre determinado assunto cercada pela imaginação e a contemporaneidade sociocultural e histórica, utilizando signos e símbolos e possibilitando as conexões filosóficas, científicas e artísticas da sua época (Vigotski, 2018). As obras existentes na Ciência e na Arte retratam as particularidades de expressão do seu criador evidenciadas no produto. Assim, sua forma torna-se objeto de apreciação, ressignificando os seus valores em união com as particularidades dos sujeitos envolvidos e intimamente ligados ao conhecimento e à modulação dos sentimentos (Ferreira, 2010; Read, 2001). No século XXI, o ato criativo experimenta as inovações tecnológicas, permitindo novas formas de comunicação através da internet e as funcionalidades e possibilidades de relações sociais virtuais, utilizadas como ferramentas artísticas para obtenção de conhecimentos (Gonh, 2015).

A partir da arte, cientistas se deparam com ferramentas estéticas de expressão do conhecimento que estão incorporadas à Ciência (Sawada, Araújo-Jorge, Ferreira, 2017; Ferreira, 2010). Ao tratarmos do ensino em biociências e saúde, a pesquisa em Ciência e Arte se insere na perspectiva de uma educação estética que busca na percepção, na sensibilidade e na criatividade fomentar a educação, representando as formas do mundo e a percepção das diversas realidades e dimensões apresentadas aos nossos sentidos nas ciências e na saúde. (Araújo-Jorge *et al.*, 2018; Sawada, Araújo-Jorge, Ferreira, 2017).

Escutar a expressão infantil é importante para compreender a população. Naturalmente, a comunicação varia com a idade, nela são utilizados gestos, imagens, signos e palavras diferentes dos adultos. Por ter essas expressões incompreendidas, é importante diversos pontos de análise, trazendo significados diferentes às observações em pesquisas com esse público (Vigotski, 2018; 2008; Natividade, Coutinho, Zanella, 2008). Dessa forma, empregamos a abordagem qualitativa, permitindo interpretar a realidade vivenciada por meio de técnicas de produção de conhecimento, interessando-se pelos significados e utilizando a descrição como fonte de dados. Assim, esta pesquisa é explicativa e um estudo de caso, pois utiliza desenhos de um grupo específico para interpretar os fenômenos estudados (Mendonça, 2017). O critério de seleção utilizado foram os desenhos acompanhados de relatos escritos ou vídeos, totalizando os quinze desenhos disponibilizados na campanha “Sentimentos no Papel” (2020) nas redes sociais da Unicef Brasil, não sendo necessário a apreciação por Comitê de Ética ou solicitação de uso de imagem e som dos participantes, como referendado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz via suporte no ano de 2022.

Para a análise dos desenhos, usaremos os pressupostos metodológicos analíticos objetivos dos sistemas artísticos dos estímulos, desenvolvido por Vigotski (2018; 2001). Este método analisa a estrutura e composição dos desenhos em sua forma e conteúdo por meio dos estágios do desenho infantil e parâmetros técnicos, utilizando duas frentes para alcançar uma unidade: as específicas da personalidade do indivíduo e do meio que o cerca (Vigotski, 2018; Barroco, Superti, 2014). Para captarmos os aspectos do discurso, é importante a visão exterior,

identificando os efeitos sobre os enunciados, sem afastar do coletivo e de seus processos (Sargentini, 2006; Bakhtin, 1997). Em nossa pesquisa, optamos por utilizar os relatos com mais de seis enunciados, englobando os relatos das crianças entre onze e doze anos, onde é mais evidente a relação do discurso com os desenhos.

Essas duas propostas (análise do desenho e aspectos do discurso) em conjunto permitem analisar os desenhos dos alunos com a atividade e como ela influencia sobre os conhecimentos e sentimentos abordados e vividos. O desenho não expressa tudo, sua análise confronta o pesquisador com diversas vivências e várias interpretações, evidenciando e escondendo processos e formas de representação. Além das cores, formas e técnicas, é necessário escutar os sentimentos do autor para compreender a sua expressão (Vigotski, 2018; Barroco, Superti, 2014; Natividade, Coutinho, Zanella, 2008). Dessa forma, aliando a Análise dos Desenhos (Vigotski, 2018; 2001) com aspectos e percepções provenientes da Análise do Discurso de Mikhail Bakhtin (1997), observamos representações de conceitos científicos, aspectos emocionais, criativos e de linguagem que expressam vivência das crianças nos desenhos e nos relatos envolvidos na campanha.

3. Resultados e Discussão

Foram analisados os desenhos, relatos e/ou vídeos enviados pelas quinze crianças, com idades entre quatro e doze anos, distribuídas da seguinte forma: uma criança com quatro anos, quatro com cinco anos, duas com sete anos, duas com oito anos, duas com nove anos, uma com dez anos, duas com onze anos e uma com doze anos (onze do sexo feminino e quatro do sexo masculino). Os desenhos foram enviados de quatro regiões do país, seis estados e nove municípios, com predominância de envios da região sudeste (7), seguido nordeste (5), norte (2) e centro-oeste (1). A grande maioria dos desenhos é oriunda do estado de São Paulo (7) e do Ceará (3), seguidos do Amazonas (2), Pernambuco (1), Alagoas (1) e Distrito Federal (1), com destaque para os municípios de São Paulo, SP (3), Fortaleza, CE (2) e Registro, SP (2), seguidos de Maceió, AL (1), Olinda, PE (1), Rio Grande da Serra, SP (1), Carapicuíba, SP (1) e Cidade Estrutural, DF (1). Neste artigo, não apresentamos as quinze obras disponibilizadas pela campanha “Sentimentos no Papel” (2020) da Unicef Brasil, selecionando as mais evidentes dentro dos parâmetros gráficos analisados. Os desenhos e relatos estão disponíveis na íntegra através do link: <https://www.unicef.org/brazil/sentimentos-no-papel>.

De início, as crianças apresentam desenhos em garatujas, anterior aos estágios de desenvolvimento do desenho, apresentando traços e movimentos disformes de uma ação representada, não sendo analisados graficamente, mas em suas representações. O primeiro estágio de desenvolvimento é o esquemático, a criança cria desenhos através de esquemas dos objetos pela memória e distantes de suas representações reais. O 2º estágio é do sentimento da forma e da linha, expressando as inter-relações e combinando a representação formal com os desenhos-esquemas com mais proximidade da realidade. Já o 3º estágio é o da representação

real, apresentando silhueta e contorno em um plano de representação. No quarto estágio, o objeto apresenta relevo, perspectiva, luz e sombra, auxiliando na criação e possibilitando movimento e realidade ao objeto. Esses quatro estágios são os mesmos entre as crianças, estando relacionados com a evolução da representação na criação infantil e com as condições socioculturais nas quais estão inseridas (Vigotski, 2018).

Obtivemos um desenho de garatujas (com quatro de anos de idade) e dois desenhos no primeiro estágio (Figura 1) com idade de cinco anos. As crianças dos desenhos analisados têm percepção da recomendação de permanecer em casa, com as representações do ambiente limitado com referências ao distanciamento e ausência de acesso a determinados ambientes, mas não há representações de aspectos científicos que demonstrem essa ação.

Figura 1. Menina, 5 anos. Tema: Bons momentos. 1º Estágio.



Fonte: Unicef Brasil.

Ao representar de memória os ambientes, é expressa a saudade com a casa e a escola, que são locais de convívio com familiares, amigos e responsáveis, exteriorizada em não poder estar em tais locais e conviver. Estas representações estão presentes nos desenhos, na expressão do contato social e nas crianças em proximidade física com seus familiares. Uma característica marcante em todos os desenhos é a presença de crianças brincando, como atividades prazerosas e importantes para um ambiente infantil, sendo seus objetos caracterizados por cores e não por formas no ato de brincar. Analisamos oito desenhos no 2º estágio, com idades entre cinco e dez anos (Figura 2 e 3). Estas representações apresentam uma variedade maior de detalhes e uma organização próxima da realidade em partes e figuras isoladas do objeto, mas não em sua representação total (Vigotski, 2018).

Figura 2. Menina, 8 anos. Tema: Tristeza na quarentena. 2º Estágio.



Fonte: Unicef Brasil.

Figura 3. Menino, 8 anos. Tema: Observar o ambiente externo. 2º Estágio.



Fonte: Unicef Brasil.

Neste estágio, temos indivíduos inseridos no contexto escolar e com idades e vivências distintas, resultando em diferenças na representação do ambiente de acordo com suas experiências. Dessa forma, aparecem representações do vírus e dos motivos para não poder sair de casa, bem como representações de conhecimentos científicos como contágio e isolamento social. É notável que as crianças nessa idade perceberam o que causou o momento, representando suas atividades do dia a dia que sentem falta, menos situações de brincadeiras e mais atividades que modificam os estados emocionais. Analisamos três desenhos no 3º estágio com idades entre onze e doze anos

(Figura 4). As representações dos objetos e das situações apresentam mais elementos gráficos que em outros estágios e a riqueza de detalhes aproxima as situações representadas da realidade, sendo utilizados mais elementos para explicar o estado emocional. Nestes desenhos, o foco é no que está sendo demonstrado e como a criança está lidando com esse momento.

Figura 4. Menina, 11 anos. Tema: Medo e restrições. 3º Estágio.



Fonte: Unicef Brasil.

Os desenhos relacionam o que está ocorrendo com o sentimento de medo, tristeza ou felicidade, mas o foco da representação é individual e conectado à personalidade da criança. Dessa forma, observamos entendimentos científicos sobre os vírus, com representações de expressões faciais e detalhes que lembram as regiões de interação do sistema imunológico com o vírus. Apesar do aperfeiçoamento visual da representação, as condições expressas no desenho analisado no 4º estágio (Figura 5.) não se distinguem dos sentimentos tratados nos estágios anteriores e ilustrados em diferentes cenas e sentimentos.

Figura 5. Menina, 11 anos. Tema: Momentos do dia a dia na quarentena. 4º Estágio.



Fonte: Unicef Brasil.

É notável a influência da tecnologia nas formas de expressão e nas atividades, sendo utilizados emoticons, referências à linguagem tecnológica e representações dos celulares e computadores nos desenhos. A tecnologia provoca emoções e participa desse momento, seja em atividades escolares, como demonstrado em alguns desenhos, ou em atividades de lazer, ou informação, como representado em outros desenhos. Os receios e temores das crianças nos 3º e 4º estágios e a partir de oito e nove anos deixaram de ser pessoais e familiares, passando a abranger aspectos sociais, históricos, culturais, financeiros e sanitários. Segundo Gonh (2015), esses conhecimentos são adquiridos através da educação não formal, influenciados por conteúdos disponíveis via *internet* e em experiências que envolvem intencionalidade e participação social durante o processo educativo e educação informal, proveniente da interação familiar.

As informações da Tabela 1 (Figura 6) relacionam a temática do desenho, sua conexão com o período de quarentena, o estágio de desenvolvimento do desenho infantil e as idades correspondentes à análise do desenho de cada indivíduo da pesquisa. Assim, possibilita a compreensão da relação simbólica entre os desenhos e os sentimentos e conhecimentos vivenciados pelas crianças e representados em sua expressão artística e obras de arte.

Figura 6. (Tabela 1.) Relação entre os indivíduos, a temática do desenho, vinculação com o período da quarentena, o estágio do desenvolvimento do desenho infantil e a idade de cada indivíduo da pesquisa.

IND	Desenho (Tema)	Vinculação (quarentena)	Estágio do desenho (idade)
1	Prisão e medo	Prisão no ambiente; Medo do exterior; Morte.	Garatuja (4 anos)
2	Brincadeiras e familiares	Interação social com familiares; Ausência de amigos; Não poder sair; Bons momentos; Familiares.	1º estágio (5 anos)
3	Não ir ao local que gosta	Não poder ir à escola; Ficar em casa.	1º estágio (5 anos)
4	Saudades dos amigos e de sair	Porta fechada; Expressão triste; Brincadeiras.	2º estágio (5 anos)
5	Felicidade e Tristeza	Triste em casa; Feliz fora de casa brincando.	2º estágio (5 anos)
6	Situações e sentimentos	Medo; Saudades; Situações da quarentena.	2º estágio (7 anos)
7	Brincar com amigos e o perigo	Pessoa infectada; Perigo das aglomerações; Saudades dos amigos.	2º estágio (7 anos)
8	Tristeza na quarentena	Tristeza por estar preso em casa; Feliz na praia.	2º estágio (8 anos)
9	Observar o ambiente externo	Angústia em casa; Desejo do mundo exterior.	2º estágio (8 anos)
10	Novas situações da quarentena	Não poder fazer certas coisas; Aprender novas coisas; Medo da morte.	2º estágio (9 anos)
11	A realidade dentro e fora de casa	Alegre fora de casa; Distrações; Afazeres.	2º estágio (10 anos)
12	Gestos e pandemia	Gestos de reprovação; Situações novas; Sentimentos.	3º estágio (9 anos)
13	Medo e restrições	Situações boas; Situações ruins; Medos	3º estágio (11 anos)
14	Trancamento e situações boas e ruins	Situações perdidas; Aspectos negativos; Aspectos positivos.	3º estágio (12 anos)
15	Momentos do dia a dia na quarentena	Situações em casa; Ambiente pessoal; sentimentos.	4º estágio (11 anos)

Fonte: Os autores

As crianças dos desenhos analisados (entre cinco e doze anos de idade) têm níveis de compreensão distintos, pois suas produções são fruto do processo de imaginação e suas necessidades, passando por suas concepções e experiências em um sistema complexo que resulta em imagens externas (Vigotski, 2018). A criança, ao desenhar, expressa, além dos sentimentos, os conhecimentos adquiridos (Barroco, Superti, 2014; Barbosa-Lima, Azevedo, 2008). Dessa forma, observamos uma ausência de representações diretas de conceitos e

conhecimentos científicos, expondo aspectos da ciência através das relações cotidianas e dos aprendizados obtidos pela mídia e pelos responsáveis, enfatizando aspectos da vida das crianças em relação aos seus sentimentos. Seguimos a nossa investigação, captando os aspectos do discurso segundo as concepções da Análise do Discurso de Bakhtin (1997). Conforme mencionado, utilizamos os relatos com mais de seis enunciados, abrangendo crianças com idades entre onze e doze anos, totalizando quatro relatos. Neste artigo, apresentamos dois relatos de obras já expostas (Figura 4 e 5).

Relato 1 (11 anos) – Relato por vídeo (Figura 4).

Quero explicar pra vocês o meu desenho de como estou me sentindo com a pandemia da corona vírus. De início, o meu maior sentimento foi o medo, porque surgiram notícias de que um novo vírus tinha sido descoberto na Ásia. E, e que, poderia ser fatal pra os idosos. Como medida de segurança, os países começaram a fechar os aeroportos. Infelizmente, o vírus chegou no Brasil, e o meu medo aumentou, porque eu fiquei com muito medo de os meus avôs serem infectados. E assim, o governo começou a tomar providencias. A minha escola fechou. Aaah, as pessoas não foram mais pras ruas pra evitar o contato, e nós ficamos de quarentena e a única forma de eu falar com os meus amigos foi pelo celular. E eu fiquei com medo que a empresa em que meus pais trabalham fechasse. E que também não houvesse comida, aah sabão e álcool em gel pra todo mundo já que as pessoas começaram a estocar.

Relato 2 (11 anos) – Relato escrito (Figura 5).

Eu me sinto um pouco triste porque eu sinto saudade das pessoas que eu não posso encontrar, família e amigos. Eu também sinto saudade de abraçar e beijar minha vó, meu vô, minha mãe. Mas eu também sinto tédio, porque tenho algumas coisas pra fazer, mas, quando você acaba, tem que fazer de novo. Mas, sem sair de casa, você tem tédio. Sinto saudade de sair de casa. Também sinto alegria, porque nenhum familiar ou amiga pegou coronavírus e todos estão bem de saúde. Também estou alegre porque, por mais que o tédio venha, tenho as horas em que me divirto.

Nos relatos, as crianças do nosso grupo amostral compreenderam o que causou e enfrentaram na pandemia, embora não estejam acompanhadas de representações de conhecimentos científicos. O problema está no ambiente externo e afeta a vida, causando mortes e problemas sociais em situações assustadoras. A conexão dos relatos com os parentes está relacionada à interação social potencializada pelo momento, bem como à sensação de segurança e proteção. É evidente a influência dos dispositivos tecnológicos como instrumentos para compreender a pandemia e se adaptar às novas formas de interação social, sendo representados como um meio de diversão e distração. Segundo Deslandes e Coutinho (2020), neste cenário, há uma redução entre os limites públicos e privados da vida, colocando na internet, a missão de evitar os efeitos

colaterais do isolamento social como a depressão, ansiedade, solidão e às violências domésticas, sem levar em conta os efeitos prejudiciais da hiperexposição digital. Portanto, é importante a intervenção dos pais sobre as informações da internet, mediando a situação de acordo com a sua realidade.

Questionando as mudanças no cotidiano das crianças, pesquisas citam as aulas online, a família, as aglomerações e o isolamento social, bem como aspectos morais da doença (Alvaro *et al.*, 2021; Paiva *et al.*; Folino *et al.*, 2021; Franco, Soares, 2020). Assim, demonstram que as crianças associaram à doença as suas formas de transmissão e os cuidados necessários à saúde, utilizando termos científicos como contágio, vírus e propagação. Dessa forma, indicam a necessidade de os profissionais de saúde formularem estratégias para lidar com os problemas de saúde mental no pós-pandemia em ações que empoderem as crianças e melhorem a sua qualidade de vida, educando e pensando políticas públicas que atendam às suas demandas, sem interromper o processo educativo (Paiva *et al.*; Folino *et al.*, 2021; Franco, Soares, 2020). Portanto, devemos incentivar uma educação e participação política desde a infância e que se conecte com as organizações sociais, sendo estruturadas com o campo da arte, da cultura e da comunicação, valorizando a relação com a natureza (Ramos, Leite, Rezende, 2020).

Não podemos deixar de mencionar que as crianças deste estudo manifestam a ausência de inúmeros prazeres, com destaque para os contatos, a solidão, o medo e o desejo de manter suas relações. Assim sendo, é essencial expandir as maneiras de estabelecer a expressão infantil, bem como incluir em programas de saúde e de retomada da normalidade, atitudes relacionadas às crianças e, para isso, é importante buscarmos formas de compreendê-las a partir dos modos como se expressam, tomando ações em conformidade com suas necessidades. Acreditamos que os apontamentos, soluções, hipóteses e propostas aplicadas formam um arcabouço teórico que auxilia no entendimento da diversidade da expressão infantil, para tecer nossas considerações finais sobre a pandemia e para o pós-pandemia vigente.

5. Considerações finais

A campanha “Sentimentos no Papel” iniciou em abril de 2020, publicando os desenhos no dia 22 de abril. Seu engajamento inicial resultou nos quinze desenhos e não houve divulgação posterior. Sendo assim, este artigo está inserido em um período inicial da pandemia e expressou os sentimentos referentes a esse momento. Ao envolvermos este artigo no caos sanitário causado no Brasil pela pandemia de Sars-CoV2 (COVID-19), notamos uma grande influência nas crianças, causando um intenso desconforto nas situações expressadas, que são ressignificadas e mitigadas através da arte. Não foi possível dissociar os conhecimentos apresentados nos desenhos ao acesso à internet no Brasil, estabelecendo uma condição desigual em relação a outras crianças. Por isso, reconhecemos a análise dos desenhos sendo observada em famílias que estabelecem diálogos com seus filhos e estimulam a expressão artística e o acesso à informação.

A ausência de dados que pudessem auxiliar professores no ensino de ciências, para além das representações do vírus e do contágio, acrescentou mais uma dificuldade. Entretanto, obtivemos resultados relacionados a aspectos sentimentais e educativos que podem auxiliar outros trabalhos. Com o objetivo de enriquecer a compreensão da pergunta feita às crianças sobre como se sentem durante a pandemia de coronavírus, destacamos a saudade das relações do mundo exterior ligadas ao cotidiano como as escolas, parques, brincadeiras e natureza, bem como a aproximação emocional com familiares e os temores com a perda de entes queridos. Observa-se que, em crianças entre quatro e sete anos, a percepção sobre o que ocorreu está relacionada à representação do ambiente familiar, sendo limitado por um agente externo que não faz distinção entre os seus falecidos. Já em crianças com mais de sete anos, a compreensão e assimilação das informações é mais consciente, bem como suas angústias são expressas com mais componentes de intensidade emocional.

O distanciamento com vínculos relacionados à brincadeira é evidente em todas as crianças, expressas pela intensa interação social do ato de brincar. No entanto, essa lacuna é superada por crianças a partir dos oito e nove anos com o uso da internet e suas possibilidades de interação. Dessa forma, no momento pós-pandêmico, é importante estimular e incentivar estratégias e práticas de socialização em ambientes escolares e educativos de acordo com as necessidades indicadas para as idades citadas, com a escola desempenhando um papel essencial nesse processo de ressocialização.

Em suma, vivenciamos uma situação de mudanças constantes. Por isso, compreender os aspectos emocionais ligados à pandemia de COVID-19 através das crianças ajuda a identificar como esses temas são abordados e enfrentados cognitivamente, indicando as estratégias a serem tomadas para mitigar os problemas psicológicos, educacionais, emocionais e sociais vivenciados. Dessa forma, esta pesquisa demonstra que as crianças enfrentaram essa crise sanitária, tendo fortes consequências nas esferas emocional, física e social, bem como indica a necessidade de enfrentar as pandemias e momentos traumáticos coletivamente, incluindo a participação das crianças em seus processos formativos.

Tratar o público infantil de forma coletiva requer a atuação da saúde pública e evidencia a necessidade de promover a inclusão de parcelas vulneráveis da população brasileira aos serviços de saúde, fortalecendo a resiliência e buscando afastar o público infantil do sentimento de solidão exposto. Assim, fornecendo apoio profissional, institucional e psicológico, construindo uma rede de manutenção de direitos posterior à pandemia e fortalecendo vínculos protetivos estatais e pessoais. A partir das vivências expostas nos desenhos e na expressão infantil, é possível relacionar a compreensão das crianças sobre a pandemia com as ações que vêm sendo tomadas no pós-pandemia conforme os sentimentos, conhecimentos e entendimentos das crianças sobre a sua realidade.

Julgamos ter neste artigo apontamentos sobre como as expressões infantis sofrem a influência do ambiente e noções sobre como os conhecimentos científicos são demonstrados nas expressões artísticas, enfatizando a importância da comunicação com o público infantil, sua formação política e certas tendências como o uso de dispositivos eletrônicos, durante períodos de isolamento social. Esta pesquisa, não tem a pretensão de formular políticas públicas diretamente; no entanto, em seu corpo, fornece resultados, discussões, considerações, bases e referenciais sobre a diversidade da expressão infantil, sugerindo soluções e aplicações que podem ser utilizadas para a formulação, manutenção e atualização de programas públicos em saúde e educação no pós-pandemia vigente e em futuros períodos pandêmicos.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em especial a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado concedida ao primeiro autor do artigo para realização desta pesquisa. Também agradecemos ao Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB/IOC), bem como agradecemos ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF-Brasil) pela realização da campanha “Sentimentos no Papel” e as crianças participantes pelos desenhos analisados neste artigo.

Biodados e contatos dos autores



GONZALEZ, T. S. é licenciado em Biologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre (2020-2022) e doutorando (2022-2025) no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz) na linha de pesquisa em Ciência e Arte com bolsa nota 10 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e vinculado ao Laboratório

de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB/IOC/Fiocruz). Desenvolve pesquisas relacionando Botânica, Ciência e Arte e Educação Inclusiva em exposições multissensoriais em espaços não-formais de ensino, com destaque para as Unidades de Conservação da Natureza. Esteve envolvido com o planejamento e desenvolvimento do Programa de Acessibilidade e Inclusão do Parque Nacional do Itatiaia e da primeira Cachoeira Acessível do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3546-5628>

E-mail: thiagogonz@hotmail.com



BARBOSA-LIMA, M. C. A. é professora titular aposentada pelo Departamento de Física Aplicada e Termodinâmica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Completou o seu doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutorado na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Portugal. Seus interesses de pesquisa incluem a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual, Ensino de Ciências, Ciência e Arte e formação de professores, com destaque para o Ensino de Física. Está envolvida como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz), desenvolvendo pesquisas de mestrado e doutorado com seus discentes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1290-0060>

E-mail: mcablina@uol.com.br



VASCONCELLOS-SILVA, P. R. é pesquisador no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB/IOC/Fiocruz) e professor titular da Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Também é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz) e do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (ENSP/Fiocruz). Completou seu doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz) e Pós-doutorado pela Universidade de Umeå, Suécia. Seus interesses de pesquisa são a comunicação em saúde, internet, mídias em saúde, bioética e Ciência e Arte. Além da atividade acadêmica, está envolvido na produção de artes plásticas/pintura e tem seu trabalho exibido em exposições individuais e coletivas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4646-3580>

E-mail: bioeticaunirio@yahoo.com.br

Referências Bibliográficas

ALVARO, M. *et al.* “A máscara salva”: representações sociais da pandemia de covid-19 por meio dos desenhos de crianças cariocas. **Saúde Soc.** São Paulo, v.30, n.4, e210328, 2021.

ARAÚJO-JORGE, T. C. *et al.* CienciArte© no Instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiências na construção de um conceito interdisciplinar. **Ciência e Cultura**, 2018.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**/ Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. – 2ªed.-São Paulo. Martins Fontes, 1997.

BARBOSA-LIMA, M. C. A.; CARVALHO, A. M. P. O desenho infantil como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, vol. 7, n.2, 2008.

BARROCO, S. M. S; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da Psicologia da Arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.

DESLANDES, S. F; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinfligidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2479-2486, 2020.

FERREIRA, F. R. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. **Educação e Pesquisa [online]**. v. 36(1), p. 261-280, 2010.

FOLINO, C. H. *et al.* A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. **Cad. Saúde Pública** 2020; 2021; 37(4), p. 1-13, 2021.

FRANCO, N. H. R; SOARES, M. P. F. “Um jeito negro de ser e viver”: (Re)Inventando a vida no contexto da pandemia da COVID-19 – O que dizem as crianças negras e suas mães. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1229-1254, 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (org.). **Sentimentos no Papel**. 2020. UNICEF Brasil, Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/sentimentos-no-papel> Acesso em: 22 jul. 2020.

GALHARDI, C. P. *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da COVID-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(2)., p. 4204 – 4210, 2020.

GONH, M. G. **Educação não formal no campo das artes** [Livro eletrônico]/ Maria da Gloria Gonh. (org) – São Paulo: Cortez, 2015.

MENDONÇA, P. B. O. A metodologia científica em pesquisas educacionais: pensar e fazer Ciência. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v.5, p. 87-96, 2017.

NATIVIDADE, M. R; COUTINHO, M. C; ZANELLA, A. V. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, v.1, p. 9-18, 2008.

PAIVA. E. D. *et al.* Comportamento infantil durante o distanciamento social na pandemia de COVID-19. **Rev Bras Enferm**, 2021.

RAMOS, M. M; LEITE, V. J; REZENDE, J. R. As crianças sem terrinha e o enfrentamento á pandemia de COVID-19: Como brincar, sorrir e lutar nesse contexto?. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v.22, n. Especial, p. 1305-1331, 2020.

READ, H. **A educação pela arte** / Herbert Read; tradução Valter Lellis Siqueira. – São Paulo; Martins Fontes, 2001.

SARGENTINI, V. M. O. Os estudos do discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault. **Estudos Linguísticos**, XXXV, 2006.

SAWADA, A. C. M. B; ARAÚJO-JORGE, T. C; FERREIRA, F. R. “CienciArte ou Ciência e arte? Refletindo sobre uma conexão essencial”, **Educ. Artes Incl.** 13(3): 158-177, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico para professores.** / Lev Semionovitch Vigotski; tradução e revisão técnica Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. – 1ºed – São Paulo: Expressão Popuar, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**; tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica Jose Cipolla Nelo. – 4ºed.- São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte.** – 2ºed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

ABNT: GONZALEZ, T. S.; BARBOSA-LIMA, M. C. A.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. A Arte em Papéis Virtuais: Análise dos Desenhos de Crianças (5-12 Anos) sobre a Pandemia de COVID-19 da Campanha “Sentimentos no Papel” (2020) da Unicef Brasil. **EaD em Foco**, v. 15, n. 1, e2438, 2025. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v15i1.2438>